

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD

Camila Lima da Silva

**REFLEXÕES SOBRE O CADERNO DE ARTISTA NOS
PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Rio de Janeiro
2020



Camila Lima da Silva

**REFLEXÕES SOBRE O CADERNO DE ARTISTA NOS PRIMEIROS ANOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador (a): Professor (a) Dra. Camila Nagem Marques Vieira

Rio de Janeiro
2020

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

S586 Silva, Camila Lima da

Reflexões sobre o caderno do artista nos primeiros anos do ensino fundamental / Camila Lima da Silva. - Rio de Janeiro, 2020.

65 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Artes Visuais – EAD) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Camila Nagem Marques Vieira.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Anos iniciais do Ensino Fundamental – Estudo e ensino. 3. Cultura Visual e Educação. 4. Professor reflexivo. Vieira, Camila Nagem Marques. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Camila Lima da Silva

**REFLEXÕES SOBRE O CADERNO DE ARTISTA NOS PRIMEIROS ANOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

Banca Examinadora:

Dra. Camila Nagem Marques Vieira (Orientadora)
Colégio Pedro II – Campus Engenho Novo I

Ms. Valquíria Cordeiro Fernandes
Colégio Pedro II – Campus Realengo I

Ms. Raphael de Andrade Couto
Colégio Pedro II – Campus Realengo I

Rio de Janeiro
2020

Dedico este trabalho aos meus pais, Maria Rodrigues Lima e Francisco Antônio da Silva.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos os professores e professoras que passaram pela minha vida, seja me ensinando, em sala de aula, ou como colegas de trabalho. As suas trajetórias e lutas me inspiraram a continuar minha formação docente e contribuir, mesmo que de maneira simples e modesta, na construção de um mundo melhor. Ouso sonhar com um mundo onde todos possam ter as mesmas condições de ensino e aprendizagem.

Também gostaria de agradecer à minha orientadora, Camila Nagem, e toda equipe de professoras do Programa de Pós-graduação em Ensino de Artes Visuais do Colégio Pedro II, que sempre estiveram disponíveis para tirar dúvidas e foram muito atenciosas.

Por fim, gostaria de agradecer aos meus pais, que me criaram na favela Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, e sempre enfatizaram o quanto a educação é importante para a formação humana, se esforçando muito para que eu pudesse estudar da melhor maneira possível.

RESUMO

SILVA, Camila Lima da. **Reflexões sobre o caderno de artista nos primeiros anos do ensino fundamental**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2020.

Este trabalho traz a reflexão de uma professora de Artes Visuais sobre como estruturar suas aulas para os anos iniciais do Ensino Fundamental e tem como objetivo desenvolver um produto educacional com a criação de cadernos de artista, tanto para alunos como professores. É também uma tentativa de contribuir para a comunidade docente com uma pesquisa sobre o ensino de artes visuais no Ensino Fundamental. Procura valorizar os fazeres artísticos dos indivíduos dentro da sala de aula bem como as referências que cada um pode trazer de suas histórias de vida, incluindo os elementos que fazem parte da cultura visual, defendida por Fernando Hernández. O trabalho defende a ideia de professor reflexivo, abordada por Zeichner e Schön, além de ressaltar a importância do planejamento da aula e da análise das práticas didáticas dos docentes. Também foi defendido que a prática reflexiva e a troca de ideias com outros professores pode ser uma forma de produzir conhecimentos que auxiliem outros professores, tendo como referência as experiências vividas em sala de aula.

Palavras-chave: Anos iniciais do Ensino Fundamental. Ensino de Artes visuais. Professor reflexivo. Caderno de artista. Cultura Visual.

ABSTRACT

SILVA, Camila Lima da. **Reflexões sobre o caderno de artista nos primeiros anos do Ensino Fundamental**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura. Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2020.

This work reflects the experience of a visual arts teacher on developing her classes for early elementary school and intends to create an educational product based on artist's journals, both student's and teachers. It also entails a contribution for the elementary school visual arts education community. Seeks to value the artistic performance of individuals within the classroom, as well as their lifestory increment that may come along. Including also elements which consists the visual culture, defended by Fernando Hernández. This work sustains the idea of a reflexive professor, addressed by Zeichner and Schön, and puts out the relevance of lessons planning and the analysis of the teaching practices performed. Another issue addressed was the knowledge spawned by reflexive practices and experience exchange by teachers, so to help one another.

Keywords: Early elementary school. Visual Arts education. Reflexive teacher. Artist's journal. Visual culture.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 – Caderno de artista de uma professora	22
Imagem 02 – Caderno de artista da autora	25
Imagem 03 - Outra página do caderno de artista da autora	26

Sumário

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	15
2.1. GERAL	15
2.2. ESPECÍFICOS	15
3 JUSTIFICATIVAS E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: CULTURA VISUAL, PROFESSOR REFLEXIVO E CADERNO DE ARTISTA	16
3.1 O professor reflexivo	18
3.2 Os cadernos de artista	21
3.3 Cultura visual	26
3.4 Intercalando as ideias	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34
APÊNDICE A: CADERNOS DE ARTISTA EM SALA DE AULA	36
1 Apresentação.....	40
2.1. Sequência didática: Cadernos de Artista e Cultura Visual.....	45
2.2 Desafios.....	53
3 Palavras Finais	54
ANEXO A: Imagens de apoio para o professor sobre os cadernos e diários de artista	56

1 INTRODUÇÃO

A prática didática pode se mostrar desafiadora. Por mais bem estruturados que sejam os currículos das faculdades de licenciatura, algumas situações, que são percebidas apenas com a prática, fazem com que os professores tenham a oportunidade de continuar aprendendo, na dinâmica da sala de aula. Por meio do contato com seus alunos, os professores podem perceber as suas próprias dificuldades como docentes, suas zonas de conforto e áreas que possuem maior domínio. Na medida em que as limitações e desafios são notados pelo professor, ele é capaz de produzir novos conhecimentos.

A motivação para a realização desta pesquisa surgiu diante da dificuldade percebida pela autora recém-formada em licenciatura, sobre como trabalhar com suas turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, de forma a conseguir desenvolver atividades didáticas e lúdicas de maneira significativa, mesmo sem ter muita experiência prática na área de ensino de artes visuais. Os primeiros anos de docência podem ser uma grande oportunidade para explorar e descobrir novas possibilidades em sala de aula, criando produtos educacionais, testando teorias estudadas na faculdade de licenciatura, experimentando dinâmicas, conversando e aprendendo com outros professores, as possibilidades são muitas.

Entretanto, há também o desafio de não se perder em meio a tantas ideias, em especial para a autora, pois, tudo ainda é muito novo. A criação de uma rede de contato entre professores, bem como a prática reflexiva sobre suas atividades, defendida por Zeichner (1993, 2008) possibilitou que a autora, professora vivenciando o processo de indução profissional¹ (NASCIMENTO; FLORES; XAVIER, 2019), possuía ferramentas para além dos conhecimentos construídos durante a faculdade.

Dito isto, a pesquisa gerou um produto educacional, aqui apresentado como a produção de cadernos de artista, objetivando favorecer a troca de ideias entre os alunos, a reflexão do professor sobre suas experiências e uma crescente valorização das ideias que os estudantes trazem de seu contexto social, seus sonhos, interesses e percepções do mundo, sua cultura visual (HERNÁNDEZ, 2007). Os cadernos também buscam fomentar o fazer artístico de professores e alunos.

¹ A indução profissional compreende os primeiros anos de carreira do professor.

A estratégia de cadernos de artista surgiu, no caso da autora, a partir de seu desejo em voltar a praticar atividades artísticas e manuais, como a pintura. Além disso, buscou-se levar em consideração os elementos que fazem parte da cultura visual (HERNÁNDEZ, 2000, 2007), observando o quanto estão presentes no cotidiano do aluno e podem ser úteis para uma abordagem em sala de aula. O uso de ferramentas tecnológicas também pode ser interessante, por meio da internet, computadores, tablets e celulares, no desenvolvimento das práticas pensadas.

Segundo Hernández (2007, p. 22), a cultura visual

(...) refere-se a uma diversidade de práticas e interpretações críticas em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais e sociais do olhar. Desse ponto de vista, quando me refiro neste livro à cultura visual, estou falando do movimento cultural que orienta a reflexão e as práticas relacionadas a maneiras de ver e visualizar as representações culturais e, em particular, refiro-me às maneiras subjetivas e intrassubjetivas de ver o mundo e a si mesmo.

Portanto, a cultura visual já mencionada abrange os conhecimentos culturais que podem ser adquiridos e construídos por meio da visualização do mundo. É possível perceber a construção de imagens presentes não só em museus, mas também em revistas, propagandas na televisão, anúncios em redes sociais, desenhos animados, histórias em quadrinhos, filmes, seriados, entre outros, colaborando para o desenvolvimento destas “maneiras subjetivas e intrassubjetivas de ver o mundo e a si mesmo”. Estes elementos sociais veiculadores e criadores de imagens podem fazer parte do contexto social do aluno, e contribuir positivamente para o andamento das aulas de arte e o desenvolvimento da expressão do estudante.

Sendo assim, o público-alvo deste estudo, de maneira direta, são os professores de Artes Visuais, em indução profissional ou não, mas que buscam melhorar sua metodologia e prática em sala de aula, entendendo que a atividade docente precisa manter-se atualizada, em constante processo investigativo-reflexivo. Desta forma, a autora acredita que é possível manter viva, ao longo da trajetória docente, a busca por aprimorar as aulas, pois o aprendizado não acaba. De maneira indireta (ou não), o público-alvo também são os alunos destes professores, o motivo fim de todo processo formativo docente, pelo qual se continua investindo em pesquisa, construção de metodologias e produtos educacionais, buscando a melhoria da Educação.

O aporte teórico deste trabalho e orientador deste produto educacional está articulado a partir de autores como Zeichner (2008) e Schön (1983), que falam sobre a ideia do professor

reflexivo. Além de Suzuki (2014), que abordou em sua dissertação a prática dos cadernos de artista feitos pelos alunos e por ela, uma artistas-educadora, característica que também contempla a autora deste TCC por dialogar com o que será aqui desenvolvido como produto. Hernández e Ventura (2017) também foram utilizados como contribuição para a discussão acerca do desenvolvimento de projetos didáticos em sala de aula, em especial no que se refere à utilização da cultura visual como um componente útil e capaz de criar diferentes dinâmicas na aula e contemplar olhares diversos. Não menos importante, será utilizada a BNCC – Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), que oferece boas ferramentas para dar os primeiros passos na trajetória docente em sala de aula e os trabalhos de teóricos que investigaram a cultura visual, como Knauss (2006), Ana Mae Barbosa (2011) e Sardelich (2006).

2 OBJETIVOS

2.1. GERAL

- Refletir sobre as práticas de ensino de Artes Visuais para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental a partir do uso da estratégia caderno de artista e da cultura visual como premissa.

2.2. ESPECÍFICOS

- Exercitar o fazer artístico de alunos e professores a partir da construção de um caderno de artista;
- Estabelecer a partir do investimento na cultura visual, redes entre o dia-a-dia e as aulas de Artes Visuais;
- Utilizar a cultura visual como uma ferramenta didática de reflexão dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental;
- Contribuir para a discussão sobre as práticas de ensino contemporâneo em arte visuais com um projeto educacional voltado para os anos iniciais no Ensino Fundamental;
- Fomentar a prática reflexiva nos professores, o conceito de professor reflexivo e a preocupação com os processos de indução e formação continuada docente.

3 JUSTIFICATIVAS E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: CULTURA VISUAL, PROFESSOR REFLEXIVO E CADERNO DE ARTISTA

O tema desta pesquisa busca contribuir com o fazer docente e artístico dos alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ele surgiu das demandas formativas e percepções construídas pela autora sobre os desafios e alegrias na trajetória docente durante seu processo de indução profissional, quando começou a atuar como professora, em escolas regulares. Durante sua formação na UERJ em Licenciatura em Artes Visuais, esteve em contato com variados estudos teóricos e metodológicos direcionados ao trabalho com os diversos segmentos de ensino da Educação Básica. Entretanto, quando chegou, enfim, à sala de aula e esteve sozinha, diante dos seus alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, foi constatado que nem sempre o professor está totalmente preparado para o que vai encontrar naquele espaço repleto de momentos alegres, espontâneos, porém desafiadores.

Não se trata, contudo, de uma crítica à instituição na qual a autora cursou Licenciatura, mas sim à percepção da necessidade de os educadores atualizarem-se constantemente, no que tange aos conhecimentos pedagógicos, para tornar sua didática, estratégias e conteúdos abordados cada vez mais interessantes. É uma oportunidade para os artistas-docentes criarem, experimentarem novas práticas e didáticas – o que pode proporcionar bons momentos e surpresas positivas. Em poucos meses de indução profissional, a autora pôde perceber o quão importante foi continuar estudando e refletindo sobre as práticas por ela desenvolvidas. É elemento fundante para a não mecanicidade e engessamento do ensino, buscando levar em consideração o contexto social da escola onde se trabalha, bem como dos alunos que lá estudam na construção de práticas (ZEICHNER, 2008). Para Zeichner (2008, p. 539), “(...) o processo de compreensão e de melhoria de seu próprio ensino deve começar da reflexão sobre sua própria experiência e que o tipo de saber advindo unicamente da experiência de outras pessoas é insuficiente”.

Sendo assim, acredita-se que o professor pode e deve desenvolver pesquisas, reflexões, investigações sobre variados temas educacionais que sejam de seu interesse ou apresentem-se necessários para que se obtenha uma melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Da mesma forma, considera-se essencial conversar com outros professores e seus alunos, para trocar experiências, erros e acertos. Tratando-se da vivência pessoal da autora ao longo de sua

formação em Artes Visuais, mostrou-se muito proveitoso compartilhar experiências com as colegas de turma da pós-graduação à distância em Ensino de Artes Visuais, nos fóruns propostos pelo curso, como também as trocas realizadas com colegas de profissão que fazem parte do círculo de amizade da autora e de seu círculo profissional.

Alguns dos professores mencionados nesta pesquisa, inclusive, estudaram juntos com a autora, durante a graduação, e suas trajetórias e escolhas profissionais fizeram com que caminhos diferentes fossem percorridos por cada um deles dentro do campo da arte-educação. Ainda assim, os constantes encontros e conversas entre esses profissionais possibilitou perceber como a educação traz inúmeras possibilidades, dentro de sala de aula, mas também fora dela, com diálogos e formações continuadas, por exemplo. Foi possível constatar que os aprendizados pelos quais outros professores passam em suas respectivas carreiras, quando compartilhados, também fornecem importantes contribuições para o crescimento dos demais.

A respeito da formação de professores, é importante manter-se em constante estudo, troca e atualização, trabalhando para um constante desenvolvimento. De acordo com Nóvoa (2017, p. 1113), “torna-se imprescindível construir modelos que valorizem a preparação, a entrada e o desenvolvimento profissional docente.” O autor acrescenta também que “As profissões do humano lidam com a incerteza e a imprevisibilidade. Preparar para estas profissões exige sempre uma boa formação de base e uma participação dos profissionais mais experientes.” (NÓVOA, 2017, p. 1114).

A este processo de reflexão da própria prática, o compartilhamento de experiências docentes, visando aprimorar o trabalho deste e de outros professores, surgiu, durante a pesquisa, a ideia do professor reflexivo, defendido e abordado por autores como Zeichner (1993, 2008, 2011) e Schön (2000). Estes autores apontam a importância da criação de uma comunidade de professores, que colaboram entre si visando a criação de conhecimento e a melhoria de suas práticas didáticas (ZEICHNER, 2008). Nóvoa (2017, p. 1116) também sugere a criação de um “espaço de entrelaçamentos”, em que:

A formação deve funcionar em alternância, com momentos de forte pendor teórico nas disciplinas e nas ciências da educação, seguidos de momentos de trabalho nas escolas, durante os quais se levantam novos problemas a serem estudados através da reflexão e da pesquisa.

3.1 O professor reflexivo

Ao pesquisar as escolas de uma cidade, pode-se perceber que elas são diferentes. Algumas fazem parte da rede pública, outras da rede privada. Dentre essas, algumas fazem pertencem a uma grande rede de ensino, outras são escolas pequenas, “de bairro”. Algumas estão localizadas próximas de ruas principais ou grandes avenidas, enquanto outras estão mais afastadas dos centros urbanos. Cada escola possui sua particularidade, e o mesmo ocorre com os alunos que as frequentam. Cada um participa de um núcleo familiar diferente, possui o seu próprio contexto de vida, carregando uma bagagem cultural variada, independente de estudar com os mesmos colegas, em uma escola, e comporem a mesma turma há alguns anos.

Com os professores não é diferente. Cada um possui a sua própria trajetória pessoal e profissional, suas preferências didáticas e metodológicas. Confrontar essas vivências profissionais e pessoais ao conteúdo aprendido na faculdade de licenciatura pode ser desafiador. Zeichner (2008, p. 537), a respeito de seus alunos da licenciatura, observou que:

Na maioria das vezes, nossos estudantes não tinham a menor ideia de onde os currículos vinham e tampouco pareciam se preocupar com isso. O ensino era normalmente visto como um processo meramente técnico a ser conduzido da maneira na qual as pessoas na escola ou na universidade gostariam que fizessem.

A ideia de professor reflexivo surge como um contraponto a uma mecanicidade do ensino, engessado em elaborações e métodos propostos por pessoas que estão fora da sala de aula e excluindo os diversos contextos sociais de alunos e professores. Ainda de acordo com Zeichner (2008, p. 539):

O movimento da prática reflexiva envolve, à primeira vista, o reconhecimento de que os professores devem exercer, juntamente com outras pessoas, um papel ativo na formulação dos propósitos e finalidades de seu trabalho e de que devem assumir funções de liderança nas reformas escolares.

A criação de novos materiais didáticos, bem como de teorias pode e deve ser feito também por quem está atuando diretamente com os alunos e o restante da comunidade escolar, por quem conhece o contexto da sala de aula e as diversas situações que podem se apresentar. E isto se torna possível por meio de uma atitude reflexiva e sincera sobre o que presencia, sobre as suas experiências na escola. Foi constatado pela autora deste trabalho, durante sua atuação docente, que o saber adquirido na universidade ainda deixava lacunas a serem preenchidas, por ela mesma. O que vai ao encontro das ideias de Zeichner (2008), ao afirmar que a construção e a melhoria do seu ensino se dão também por meio da reflexão sobre as suas próprias práticas.

Alguns desafios, porém, podem surgir em relação à prática reflexiva, e deve-se esclarecer alguns pontos para não gerar falta de entendimento do conceito. Zeichner (2008) apresenta alguns pontos críticos que devem ser levados em consideração. Agir como professor reflexivo não significa pensar em como aplicar de maneira correta um conteúdo que foi desenvolvido por outra pessoa. Também não se trata de pensar apenas sobre o que é feito dentro da sala de aula, excluindo todo o contexto social que envolve o território escolar e seus componentes – alunos, professores, cozinheiros, psicólogos, coordenadores etc. Pois, nesses casos, “não se discute o contexto do trabalho docente” (ZEICHNER, 2008, p. 542).

A prática reflexiva pensada pelo autor envolve um ponto importante, que é a necessidade de pensar sobre a finalidade da educação, sem excluir “os aspectos moral e ético do ensino.” (ZEICHNER, 2008, p. 542). Esta postura ativa exige do professor um entendimento claro sobre as suas motivações e aonde quer chegar com as suas aulas, o que pode ser possibilitado por meio de uma postura reflexiva.

Entende-se que, ao menos no contexto de um professor formado há pouco tempo, como no caso da autora, pode ser desafiador seguir o currículo, o conteúdo programático da escola, os livros didáticos e ainda conciliar com o contexto vivenciado por cada professor. Além disso, surgiu na autora o questionamento sobre como conciliar o conteúdo com as necessidades dos alunos em sala de aula, tudo em um curto tempo de 50 minutos de aula por semana. Ter como experiência inicial lecionar para cinco turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, todas no mesmo dia, uma após a outra, foi enriquecedor, mas um grande exercício de criatividade e planejamento.

Por ter apenas cinquenta minutos de aula por semana, desenvolver um maior entrosamento com os alunos também foi demorado, visto que o momento da aula era o único de encontro com as turmas. O planejamento mensal feito para as aulas era pautado não só no material didático, mas também na observação das características dos alunos e comentários feitos durante a aula sobre temas que vivenciavam no cotidiano.

Como observado durante os próprios planejamentos de aula, a autora constatou que é possível criar, sozinha ou em diálogo com os discentes, ferramentas e dinâmicas para aprimorar a sua prática em sala de aula, na medida em que foi capacitada para tal na universidade. Porém, compreende que pode ser muito produtivo pensar em conjunto - com outros profissionais e alunos - a partir da troca, pois estas experiências proporcionam a descoberta das similaridades

e diferenças vividas entre os professores (ZEICHNER, 2008), e colaboram em especial para os processos formativos de docentes em indução profissional (NASCIMENTO, et al., 2019).

A reflexão não se trata de uma atividade solitária, passiva ou meramente intelectual, sem uma ação concreta. Os encontros com colegas artistas e professores reforçou a ideia defendida aqui pela autora e por Zeichner (2009) e Nóvoa (2017) de que a pesquisa docente não se encerra após a graduação, assim como não está restrita ao que acontece dentro da sala de aula ou da universidade. Desta forma, pode-se fazer adaptações a cada prática de ensino desenvolvida pelo educador, de acordo com as necessidades que apresenta cada aluno. Assim, ao tomar decisões que melhorem suas práticas, o professor se torna um ser mais autônomo e produtor de saberes.

Isto porque o professor tem toda a capacidade para criar também os seus próprios conhecimentos e ferramentas, conhecer teorias pedagógicas e experiências de outras redes de ensino que colaborem para sua formação. Este professor reflexivo compreende que também pode gerar conhecimento a partir de suas observações e reflexões sobre sua própria prática em sala de aula, melhorando-as e contribuindo com as investigações de outros professores.

De acordo com Zeichner (2008), o professor reflexivo entende que também está em constante aprendizado, inclusive juntamente com os seus alunos, durante e depois de suas aulas. Por isso, não se exclui a relevância de utilizar variadas ferramentas que o auxiliem, como a BNCC – Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), por exemplo, parte da legislação brasileira à qual fundamenta os parâmetros e competências a serem desenvolvidas nos diversos níveis da Educação Básica.

O uso de materiais didáticos para auxiliar a prática docente, por mais que possam possuir limitações, foi de grande relevância para autora em seu processo de indução profissional. A pesquisa e a reflexão não excluem, em momento algum, ao suporte de materiais teóricos e de legislação utilizados visando o aprimoramento do professor. Foi a partir desta premissa, buscando ensinar e, ao mesmo tempo, aprender, e repartir esses aprendizados com outros docentes que foi escolhido criar uma sequência didática de produção de cadernos de artista, direcionados para alunos e docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

3.2 Os cadernos de artista

A produção de diários, portfólios e cadernos também é uma forma criativa de registrar as experiências e refletir sobre as situações vividas. Da mesma forma, pode ser uma maneira de se aproximar dos estudantes e conhecer melhor o que pensam, o seu contexto social, seus sonhos, influências e pontos de vista. Por isso, apesar de ainda não ter sido colocado em prática, o produto educacional a ser proposto visa promover a criação de cadernos de artistas, feitos pelos alunos e seus professores, como uma ferramenta que fomente a reflexão sobre o fazer artístico e o aprendizado em sala de aula.

Um caderno de artista acompanha seu autor, que o utiliza para fazer registros, reflexões, esboços e experiências sobre as atividades que realiza em seu cotidiano. Não se trata de uma obra finalizada, como um livro de artista, como bem distingue Suzuki (2014, p. 22), mas sim “(...) um suporte que materializa o processo criador, o conhecimento acumulado do sujeito no caminho da construção de uma obra ou o guardador de suas experimentações, suas reflexões, até mesmo o despertar de sua poética” (SUZUKI, 2014, p. 23). Portanto, nesta pesquisa, trataremos da construção de cadernos de artista que possam contribuir na formação e reflexão docente e discente.

Partindo da proposta do professor reflexivo, é possível utilizar diferentes instrumentos para registrar os processos, reflexões e inferências sobre o trabalho do artista-educador. O caderno de artista é um deles, em especial para o ensino de Artes Visuais. Segundo Suzuki (2014, p. 71),

Ao refletir criticamente sobre o próprio processo de formação, o artista/educador tem elementos para construir sua prática e contribuir na orientação das poéticas presentes em sua sala de aula. Indo mais além, este professor poderá (re) apropriar-se de instrumentos de construção de conhecimento, materiais expressivos e suportes que durante a sua práxis foram por ele inventados para fazer frente às suas necessidades de criação e organização, em suas futuras proposições em sala de aula.

Baseado no estudo de Suzuki (2014) sobre a produção dos cadernos, entende-se que a criação de um caderno de artista do professor - em conjunto com a produção dos cadernos de seus alunos - pode enriquecer o planejamento do professorado, bem como funcionar como uma espécie de diário, de registro, dos acontecimentos e reflexões sobre os processos vividos, que podem e devem ser consultados futuramente. Da mesma forma, também podem favorecer a percepção dos docentes sobre as relações que os alunos estabelecem entre a arte e o mundo e

com os conteúdos apresentados em sala de aula. A respeito disto, Suzuki (2014, p. 32) afirma que: “No frescor da experiência consumada, ao registrá-la, pequenos detalhes ficaram materializados, pensamentos e sentimentos que constituem a memória vivida do educador. São detalhes importantes, que ressignificaram vivências anteriores e trarão novos sentidos para as próximas ações”.

É importante lembrar que uma das motivações para a realização deste estudo foi a necessidade da autora em resgatar seu contato com atividades artísticas, em especial a pintura, registrando suas atividades e refletindo sobre elas por meio da arte. Por isso, exercitar o seu fazer artístico foi uma maneira de estimular sua criatividade e de se reaproximar de uma linguagem da arte que, em meio a pesquisas, trabalhos, atividades docentes e demandas do cotidiano, ficou em segundo plano. A linguagem artística escolhida foi a pintura, mas o produto educacional pensado pode ser adaptado para outras linguagens visuais contempladas na BNCC e currículos mínimos institucionais, voltadas para o trabalho com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Assim, professor e alunos podem compartilhar juntos uma experiência, colaborando mutuamente com a produção de conhecimento e apresentando seus diferentes pontos de vista. Também se espera que, ao desenvolver cadernos de artista, seja possível aproximar os educadores da compreensão que seus alunos fazem da aula de Arte bem como de seus repertórios imagéticos e culturais, o que, igualmente, poderá fazer com que a qualidade da aula melhore, a partir de uma melhor percepção dos diferentes contextos sociais, das subjetividades dos indivíduos e interesses apreendidos por meio dos registros feitos nos cadernos.

A criação de um caderno de artista por parte do estudante pede que ele também faça sua reflexão sobre seus aprendizados, percepções e sobre o mundo em que vive, expressando dúvidas, medos, alegrias, lembranças e desenvolvendo, assim, um maior conhecimento sobre si mesmo, como se pode observar na Imagem 01, que apresenta o caderno de uma professora. Desta maneira, a criação dos cadernos coloca os alunos como agentes autônomos, ativos, criadores e participativos da aula, como aponta a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017, p. 193) a respeito do ensino de artes visuais:

(...) as manifestações artísticas não podem ser reduzidas às produções legitimadas pelas instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas. A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores.

Imagem 01: Caderno de artista de uma professora.



Fonte: Acervo pessoal.

Os educadores também podem fazer os seus cadernos, onde registrem suas impressões sobre o cotidiano escolar, suas reflexões e indagações sobre a própria prática docente. Hernández e Ventura (2017, p. 10) são claros ao afirmar que, “(...) ocasionalmente se sente falta de um espaço de reflexão que impeça que se caia na inércia didática e que evite transformar em rotineiro, o que, a princípio, se apresentava como um processo criativo e de formação do próprio professor”.

Na Imagem 01, podemos observar como imagem e escrita conversam, compondo, juntas, uma narrativa que apresenta a expressão única da professora autora do caderno, registrando suas opiniões, vivências, subjetividades e ideias. Sendo assim, o produto educacional apresentado no apêndice está relacionado com o pressuposto teórico que defende a criação de cadernos ou diários de artista, e que estes se relacionem com o contexto de vida dos indivíduos atuantes em sala de aula, como uma maneira de registrar suas experiências.

Um caderno de artista, porém, não trata de ser apenas um registro objetivo de acontecimentos, mas pode também “revelar muito mais que somente a compreensão, ou não, de determinado conteúdo. Revela poéticas, revela pessoas.” (SUZUKI, 2014, p. 26). A proposição de um produto educacional composto por cadernos não visa aferir se o estudante compreendeu o conteúdo da aula ou se sabe aplicar bem a técnica do desenho, por exemplo, mas sim busca incentivar a sua expressividade e autonomia – na medida em que cada um é responsável pelo cuidado de seu próprio caderno e pode utilizá-lo como quiser.

Essa autonomia se dá também na possibilidade de criar cadernos com diferentes materiais e texturas, usando, por exemplo, linhas, tintas, botões, grãos, adesivos, recortes de papéis diversos, entre outros. Os produtos utilizados na criação de um caderno de artista podem ser muito variados, respeitando as possibilidades de cada estudante e de sua comunidade. Dos cadernos coloridos e decorados vendidos em papelarias a cadernos feitos de maneira artesanal, com capa de papelão e encadernados à mão, todos podem ser usados como objeto de registro dos processos e das criações artísticas.

Um caderno de artista pode ser composto por um bloco de notas, um caderno feito à mão, uma agenda comprada em uma loja, pode ser de muitas cores e formatos. Entretanto, o que o caracteriza como “caderno de artista” é o seu conteúdo. De acordo com Suzuki (2014, p. 14), é “um caderno que permitisse abrigar experiências com a arte, despertando relações cognitivas e afetivas no processo de construção do conhecimento”. No caso do ensino de Artes Visuais, estes cadernos podem ser construções geradas através da ressignificação da aula, da relação entre professores e alunos, marcados pela influência do cotidiano, do mundo, das aulas e percepções dos alunos em uma constante troca.

Por isso, faz-se necessário o entendimento de que os saberes construídos durante a aula podem e devem estar relacionados não só com o programa pedagógico definido previamente pela equipe da escola, mas também com o conhecimento externo, adquirido anteriormente pelos alunos em seus diferentes contextos sociais. A cultura visual, que compreende as abordagens e criações visuais presentes no cotidiano de alunos e professores, destaca-se como ponto importante na criação de uma poética própria, autêntica, de cada indivíduo. Segundo Hernández e Ventura (2017, p.62): “É importante constatar que a informação necessária para construir os Projetos não está determinada de antemão, nem depende do educador ou do livro-texto, está sim em função do que cada aluno já sabe sobre o tema e da informação com a qual se possa relacionar dentro e fora da escola”.

Assim, observando a infinitas possibilidades criativas dos cadernos, a ideia para criar o produto educacional surgiu diante da inquietação da autora deste trabalho em encontrar formas de conhecer melhor as especificidades dos seus próprios alunos, dos anos iniciais do Ensino Fundamental - suas dúvidas, ideias, maneiras de entender o mundo – com materiais que fossem acessíveis à turma. Os alunos podem, então, desenvolver estilos variados de narrativa usando a arte para criar seus próprios cadernos durante as aulas, inserindo neles suas referências do cotidiano e as que forem introduzidas pelo professor em cada aula.

A criação de projetos didáticos que sejam desenvolvidos em sala de aula, como o produto educacional aqui proposto, é defendida por Hernández e Ventura (2017, p. 70), na medida em que “os projetos geram um alto grau de consciência e de significatividade (sic) nos alunos com respeito à sua própria aprendizagem”.

É conhecido que diversos artistas na História da Arte mantiveram registros de seus processos artísticos por meio de cadernos com desenhos, esboços, estudos e escritos, como analisado por Valin (2016), que trata dos cadernos da pintora Anita Malfatti, por Isaacson (2018), que apresenta em seu livro biográfico ilustrações dos cadernos de Leonardo da Vinci, ou a partir as cartas trocadas pelo pintor Vincent van Gogh com sua família e amigos, abordadas por Naifeh & Smith (2012), ao contar a história do pintor. Essas produções revelam que os diferentes suportes de registros utilizados pelos artistas serviram para documentar e permitir ao mundo compreender melhor suas ideias, inspirações, pensamentos e reflexões sobre suas criações e seu entorno.

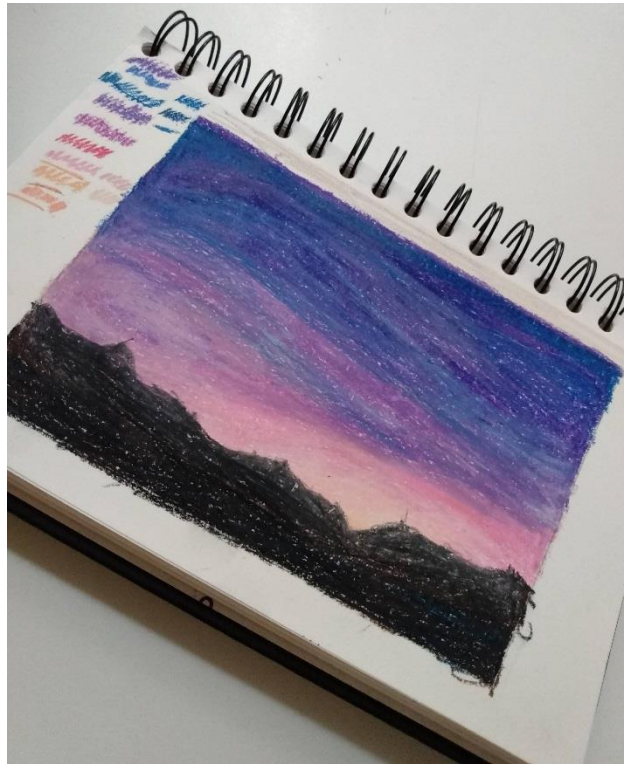
Mais recentemente, na arte contemporânea brasileira, também encontramos artistas que desenvolveram cadernos de artista, como a própria Daniele Suzuki (2014), abordada nesta pesquisa, e artistas como Irene Guerriero, Liliana Alves, Gustavo Aragoni, Higo Joseph, Gabriel Torggler e Sueli Espicalquis. As linguagens abordadas nos cadernos destes artistas variam, indo da colagem à pintura, gravura, desenho e experimentações que visam esboçar novos projetos, que serão aplicados fora das suas páginas futuramente.

Imagem 02 – Caderno de artista da autora.



Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 03: Outra página do caderno de artista da autora.



Fonte: Acervo pessoal.

As imagens 02 e 03, apresentadas anteriormente apresentam desenhos e estudos desenvolvidos pela autora desta pesquisa, experimentando a mistura entre cores e o uso de técnicas como o pastel oleoso e a aquarela. Seus cadernos são espaços de experimentação, de teste e brincadeiras, onde não existe certo ou errado.

Entendendo que vivemos em um mundo altamente globalizado, com grande veiculação de imagens em diferentes mídias e suportes, é interessante que, tanto estudantes quanto professores, sejam capazes de analisar e produzir imagens. Os cadernos de artista podem ser uma forma de aliar conteúdos programáticos da escola com o espontâneo, o inesperado que cada aluno traz de seu universo particular, que abrange, inclusive, a cultura visual.

3.3 Cultura visual

As imagens sempre fizeram parte da vida humana como uma forma de linguagem, antes mesmo do desenvolvimento da escrita e da fala. Ousando cair em um clichê, a história da arte mostra que, no período chamado pré-histórico, o ser humano já produzia imagens, as pinturas rupestres (PROENÇA, 2014). Embora não seja o foco desta pesquisa, pode-se perceber, porém, uma intenção em registrar e documentar a vida já nas pinturas nas cavernas, e foi possível

observar que tipo de material era utilizado, bem como os temas que faziam parte do cotidiano – ou, ao menos, do imaginário dos nossos ancestrais.

O estudo de antropólogos, historiadores e arqueólogos, entre outros pesquisadores, possibilitou que a humanidade travasse significativo contato com antigas civilizações, por meio da análise de suas obras de arte, artefatos e construções, suas construções imagéticas. E, até hoje, as imagens são capazes de trazer conhecimento. Segundo Paulo Knauss (2006, p. 99):

(...) mesmo os grupos que se identificam socialmente com o domínio da escrita podem revelar meandros de sua forma de vida por meio do registro visual (tal qual o registro oral). Assim como na ausência de depoimentos escritos, a expressão de camadas das classes trabalhadoras dos tempos atuais pode ser reconhecida por fotografias cotidianas, a vida das elites pode ganhar outros enfoques a partir de álbuns de fotos de família que podem ser contrastados com diários íntimos, por exemplo. Portanto, a imagem pode ser caracterizada como expressão da diversidade social, exibindo a pluralidade humana.

Hoje em dia, no contexto do globalizado e tecnológico século XXI, as imagens continuam ocupando novos lugares de destaque, em aparelhos eletrônicos, com a ajuda da internet, ou nas propagandas que ilustram a paisagem do cotidiano de grandes cidades. As imagens possuem um grande potencial comunicativo, que ultrapassa barreiras sociais e até mesmo independe de idiomas. (KNAUSS, 2006)

No âmbito da educação na infância, as crianças começam sua trajetória escolar realizando rabiscos, garatujas e, posteriormente, desenhos figurativos, contando seu ponto de vista, seus objetos de interesse e pontos que achem interessante registrar (BOMBONATO; FARAGO, 2016). Ou seja, antes da alfabetização escrita, a criança já se expressa, por meio de imagens, inclusive. De acordo com Ana Mae Barbosa (2019, p. 860), “não se alfabetiza fazendo apenas as crianças juntarem as letras. Há uma alfabetização cultural sem a qual a letra pouco significa. A leitura social, cultural e estética do meio ambiente vai dar sentido ao mundo da leitura verbal.”

Tratando-se da produção de arte pelas crianças, a autora acrescenta que (BARBOSA, 2019, p. 995 – 1001):

A produção de arte faz a criança pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais, mas somente a produção não é suficiente para a leitura e o julgamento de qualidade das imagens produzidas por artistas ou do mundo cotidiano que nos cerca. (...) Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas estaremos preparando o público para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema, da televisão e dos CD-ROM o prepararemos para aprender a gramática da imagem em movimento.

Esta leitura visual de que fala Barbosa (2019), perpassa as imagens institucionalizadas e pertencentes à História da Arte, mas também alcança as imagens que fazem parte da cultura visual, as imagens que estão no cotidiano, produzidas por diferentes agentes em diferentes tempos e espaços. Compreender os elementos constituintes básicos da imagem são essenciais para que esta alfabetização imagética ocorra também na escola. O professor de Artes Visuais, neste caso, atua como o professor da turma de alfabetização, ensinando a criar significados não com sílabas ou palavras, mas com linhas, pontos e cores.

Teóricos que abordam a cultura visual em seus trabalhos, como Paulo Knauss (2006), Ana Mae Barbosa (2011) e Sardelich (2006) falam da relevância da produção e interpretação de imagens na construção da concepção de mundo, da história e da própria identidade dos alunos. Na escola, nas aulas de artes visuais, esta construção pode se tornar riquíssima com a utilização das imagens da cultura visual. Aliadas à história da arte, podem ser propostas novas questões, estimulando o imaginário e a capacidade criativa da criança.

Os estudos sobre a cultura visual foram muito importantes para o desenvolvimento deste referencial teórico. Apesar de seu maior destaque entre o final do século XX e início do século XXI, os estudos sobre a cultura visual e a produção de imagens remontam há séculos atrás, segundo observa Barbosa (2011) e Knauss (2006) em seus respectivos trabalhos, em que abordam, por assim dizer, um certa historiografia dos estudos da cultura visual. Na atualidade, este campo de estudo, impactado pela inserção das novas tecnologias de informação e comunicação, vive um amplo crescimento, afinal a sociedade atual constitui-se fortemente influenciada pela imagem e seus novos usos. Portanto, é interessante buscar perceber a importância da cultura visual como ponto de debate para a sala de aula, em especial, no que se refere às abordagens contemporâneas da temática (KNAUSS, 2006).

Isto se dá porque a produção de imagens durante as aulas de artes, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pode estar relacionada com elementos que os alunos tragam de seu dia a dia, suas influências. Podem ser citados como exemplos de campanhas de publicidade em revistas, anúncios na TV, histórias em quadrinhos, desfiles de moda, reportagens, videoclipes de grupos musicais, shows, coreografias de dança, exposições de filmes, seriados, vídeos do YouTube etc. São muitas as possibilidades e referências visuais. Por isso, a autora considera que pode ser interessante que o professor observe as relações que podem ser criadas pelos alunos entre estes elementos já citados, da cultura visual e das artes visuais.

Maria Emilia Sardelich (2006), sobre o tema, aponta a capacidade que as imagens da cultura visual possuem de se estabelecerem como geradoras de conhecimento, não meras ilustrações passivas e decorativas das aulas de artes visuais. Deste modo, ao estudá-las, os alunos impulsionados a discutir sobre esses produtos visuais em diálogo com as artes visuais têm a oportunidade de construir maior aprendizado não só sobre a história da arte, mas também sobre os sistemas culturais vigentes e sobre suas próprias subjetividades. Segundo Knauss (2006, p.108) “O campo de estudos da cultura visual pode ser definido, portanto, como o estudo das construções culturais da experiência visual na vida cotidiana, assim como nas mídias, representações e artes visuais.”

No atual contexto histórico e social do século XXI, em que novas tecnologias estão presentes em diversos âmbitos da vida, as imagens surgem de muitos lugares e partem em muitas direções, de forma que identificá-las e saber filtrá-las, bem como lê-las de uma maneira crítica, é cada vez mais necessário. Ou seja, saber compreender o que significam, como se dá a sua composição e quais elementos na imagem fazem com que elas adquiram determinados significados – e isto pode ser explorado no caderno de artista. Na medida em que as imagens já fazem parte da vida desde muito cedo, participando da construção da cultura, se torna interessante trabalhar o olhar para interpretar as imagens que se apresentam cotidianamente.

A autora concorda com Paulo Knauss (2006, p. 110) quando ele afirma que a cultura visual “serve para pensar diferentes experiências visuais ao longo da história em diversos tempos e sociedades.” Sendo assim, este campo de estudo pode ser abordado no contexto das artes visuais na escola, objetivando enriquecer o repertório imagético da criança de forma que ela possa recorrer a mais ferramentas expressivas.

O professor pode e deve ficar atento à forma como a criança se expressa, e em como é capaz de desenvolver uma maior interação com o seu caderno de artista, ao registrar suas observações e criações sobre o mundo que o cerca. Já com relação à análise de imagens por parte dos estudantes, Sardelich (2006, p. 466) afirma que “(...) não há receptores nem leitores, mas sim construtores e intérpretes, na medida em que a aproximação não é passiva nem dependente, mas sim interativa e condizente com as experiências que cada sujeito vive no seu dia-a-dia.”

Seja com relação ao conteúdo, ao tema, aos seus elementos constitutivos e até o veículo onde as imagens são propagadas, pode-se estabelecer ligações entre elas, as Artes Visuais e o mundo. Para que isto ocorra, deve-se levar sempre em consideração a importância dos saberes

prévios que os alunos trazem para a escola, perguntando-se o que eles “já sabem e como é possível ampliar as conexões, para que, juntos, possam organizar outros discursos” (SARDELICH, 2006, p. 466). Da mesma forma, Hernández e Ventura (2017) ressaltam o quanto a aprendizagem de novos conteúdos, neste caso, de Arte, ocorre por meio das relações que os alunos estabelecem com os conhecimentos que já possuem.

Por isso, os professores devem buscar perceber estas possíveis relações que podem surgir, mantendo-se atualizados e utilizando ferramentas que já fazem parte do dia-a-dia dos estudantes, como os celulares e os computadores, de forma que estes elementos, ao invés de criar empecilhos durante as aulas, possam contribuir para a educação. Concordo com Sardelich (2006, p. 466) quando afirma que:

Nós, educadoras e educadores, temos de estar atentos ao que se passa no mundo, seja nos saberes, na sociedade ou nos sujeitos, e responder com propostas imaginativas, transgressoras, que possibilitem às/aos educandas/os elaborar formas de compreensão e de atuação na parcela do mundo que lhes toca viver, de forma que possam desenvolver seus projetos de vida.

Sendo assim, acredita-se que a cultura visual é um campo de estudo rico para o ensino e a prática das artes visuais. O início com esta perspectiva de trabalho, pode exigir do professor que se arrisque, que experimente processos novos, mas os resultados podem ser construtivos e interessantes – tanto para a aquisição de conhecimento do aluno quanto da construção de práticas pedagógicas capazes de ampliar o repertório de aulas do docente.

3.4 Intercalando as ideias

A maneira como cada aluno se expressa pode gerar cadernos de artista muito diferentes uns dos outros. Estimulando esta diversidade, que pode vir inclusive dos diferentes contextos e conhecimentos da bagagem cultural de cada indivíduo, o diálogo e a análise das imagens criadas pelos estudantes em seus diários-cadernos pode ser uma maneira de gerar maior autoconhecimento de todos, incluindo-se aqui o educador. Sardelich (2006, p. 466) expõe que: “Uma primeira meta a ser perseguida nessa abordagem seria explorar as representações que as pessoas constroem da realidade a partir das suas características sociais, culturais e históricas, ou seja, compreender o que se representa para compreender as próprias representações”.

A trajetória, para um maior entendimento das representações encontradas na cultura visual e na história da arte, entretanto, pode ser longa, e é interessante que seja. Nesta jornada, novos conhecimentos podem surgir, novas descobertas em torno de preferências de

composição, cores, artistas, o conhecimento de novas culturas e até as semelhanças entre elementos que pareciam estar muito distantes no tempo e no espaço. As possibilidades criativas são muitas. Deve-se explorá-las.

Por isso, não há a necessidade de estabelecer limites de tempo ou espaço para que essas relações aconteçam. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017, p. 193), “o compartilhamento das ações artísticas produzidas pelos alunos, em diálogo com seus professores, pode acontecer não apenas em eventos específicos, mas ao longo do ano”. Os cadernos de artistas, além de outras metodologias que os educadores queiram traçar ou sintam que precisam, de acordo com necessidades específicas de suas turmas, podem cumprir função semelhante a de diários, registrando com o passar de semanas, bimestres ou de todo o ano letivo os acontecimentos e aprendizados adquiridos – seja pela turma, por seus alunos individualmente ou pelo professorado, que sempre pode aprender algo a mais.

É importante ressaltar neste ponto que o professor também está em processo de aprendizado, e seus alunos podem ser seus instrutores, seus colaboradores. A proposta de criação de cadernos de artista proporciona que o docente conheça melhor seus alunos, como pensam, quais são seus pontos de vista, e assim, possam planejar suas aulas e refletir sobre como as atividades podem se tornar mais significativas para as crianças. Além disso, por meio das relações que são criadas em sala de aula ao longo do ano letivo, é possível que os indivíduos se conheçam mais e se ajudem, estabelecendo relações de confiança e companheirismo.

Pode ser que os educadores, ao abordar esta prática em sala de aula, percebam o cruzamento com outras disciplinas e saberes que não estão diretamente ligados às artes visuais (SARDELICH, 2006). Considera-se, porém, interessante a conversa entre o artista-educador e professores de outras disciplinas com o objetivo de oferecer de maneira mais aprofundada respostas às dúvidas, posicionamentos e investigações dos estudantes que sejam inter ou transdisciplinares. Acredita-se, inclusive, que o próprio professor, refletindo sobre sua prática docente, também possa se utilizar deste artifício para benefício próprio, ou seja, para melhorar a sua atuação como educador, beneficiando, conseqüentemente, seus alunos.

Desta forma, entende-se que nem as artes visuais nem os outros campos do conhecimento estão fechados em si e podem sofrer influência de outras áreas do saber. Após observar as produções realizadas nos cadernos, espera-se ser possível constatar as impressões feitas por cada aluno, apresentando alguns aspectos, de um mesmo assunto investigado na aula, de uma maneira distinta. Assim, reforça-se a ideia de que é possível aproximar a arte de outros

âmbitos da vida, buscando tornar as experiências artísticas mais próximas do aluno e de seu cotidiano e fazendo com que estas mesmas experiências se tornem mais significativas para cada um dos indivíduos.

Portanto, não se trata de dar maior destaque a uma outra área de conhecimento, à tecnologia computadorizada em detrimento às habilidades da manuais, à história da arte ao invés da cultura visual. Da mesma forma, a seleção sobre o conteúdo programático curricular, desenvolvido pela instituição de ensino, e que o professor irá apresentar para os alunos não exclui as referências que os estudantes possam trazer da cultura visual e da cultura de massa presentes em seu dia-a-dia. Afirma Hernández (2015, p.2), que:

A educação da cultura visual é cada vez mais híbrida e superou a fase de ampliação de formas de representação, focando em formas de relação que dialogam não apenas com a complexidade das práticas artísticas contemporâneas, mas que incorporam formas de fazer decorrentes de outras tendências.

Ou seja, abordando diferentes propostas educativas, como a educação pela cultura visual ou a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2019), com a produção de cadernos de artistas em sala de aula, como fez Suzuki (2014), trata-se de buscar desenvolver a autonomia do aluno e sua livre expressão a respeito de diferentes temáticas, pois:

que seja reconhecido o valor cívico da educação desde as artes, para que dessa forma seja alcançada uma sociedade mais justa, na qual os indivíduos são livres para contar suas próprias histórias e ser reconhecidos como autores e portadores de saber. (HERNÁNDEZ, 2015, p. 2)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que as atividades de Artes Visuais para os anos iniciais do Ensino Fundamental podem ser ainda muito exploradas. A autora acredita que se deve continuar a desenvolver futuras pesquisas, em termos de elaboração de atividades práticas de artes visuais para este público. Além disso, é importante fazer com que a disciplina de Artes Visuais seja cada vez mais vista por toda a equipe escolar como produtora de conhecimentos significativos na construção da cidadania do aluno, e não como disciplina responsável pela decoração para o ambiente escolar ou uma atividade meramente recreativa, para “passar o tempo”, ou fazer “lembrancinhas”, como foi constatado em escolas que a autora trabalhou.

A proposta de uma abordagem prática, pautada na elaboração de cadernos de artistas, explorada por Suzuki (2014) propõe o aluno como um criador de conhecimento, não apenas um agente passivo dentro da sala de aula. Considera-se que ele traz consigo uma valiosa bagagem cultural, que pode contribuir com os conhecimentos apresentados pelo docente e pelos seus colegas. Entretanto, o presente trabalho traz apenas a proposta da criação dos cadernos, sendo ainda necessário o desenvolvimento deste produto pelo professor replicador, em sua sala de aula.

Com o diálogo e a troca de ideias e referências, acredita-se que seja possível que toda a turma ensine e aprenda, uns com os outros. Inclui-se nesta ideia também o professor, que, observando como seus alunos assimilam o conteúdo transmitido e o relacionam de maneira crítica com o mundo, possa adaptar melhor sua aula para cada turma e pensar em novas abordagens, metodologias e práticas didáticas, que relacionem os conhecimentos prévios dos estudantes com o que está sendo ensinado, de uma maneira mais produtiva e significativa para todos.

Desta forma, espera-se poder desenvolver o fazer artístico dos indivíduos em sala de aula, tornando-se capazes de ler as imagens da cultura visual cada vez mais, interpretá-las e, com isso, gerar novos conteúdos a partir de suas próprias experiências, que são então valorizadas. As artes visuais fazem parte do mundo e podem estar presentes na vida de todos, de diversas maneiras. Mostrar na prática isto para cada estudante durante a aula é – por que não? - a esperança de quebrar barreiras sociais e culturais por meio da educação.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino de arte: anos 1980 e novos tempos**. 9. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2019. Paginação irregular.

_____. A cultura visual antes da cultura visual. **Educação**, v. 34, n. 3, p. 293-301, set./dez. 2011.

BOMBONATO, Giseli Aparecida; FARAGO, Alessandra Corrêa. As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, v. 3 (1): 171-195, 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 15 abr. 2020.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Documento Introdutório. Versão Preliminar**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio; ZEICHNER, Kenneth M. **A pesquisa na formação docente**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Abordagem triangular e cultura visual**. Boletim Arte na Escola. n. 76. Mai. – Jun. 2015.

_____.; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. Trad. Jussara Haubert Rodrigues; revisão técnica: Maria da Graça Souza Horn. – 5. ed. – Porto Alegre: Editora Penso, 2017.

_____. **Catadores da cultura visual**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

_____. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. **Artcultura – Revista do Instituto de História da UFU**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, 2006. Disponível em: <<http://www.História.uff.br/labroi/biblio/author/knauss>>. Acesso em: 05 jul. 2020.

N NASCIMENTO. M. das G. C. de A.; FLORES, M. J. B. P.; XAVIER, D. B. Indução profissional docente: desafios e tensões no contexto de uma política pública. **Currículo Sem Fronteiras**, v. 19, p. 151-166, 2019.

NAIFEH, Steven; SMITH, Gregory White. **Van Gogh: a vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, v.47, n.166, p.1106-1133, out./ dez. 2017.

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. 17. Ed. São Paulo: Editora Ática, 2014.

ROCHA, Maria Clara Marins. Caderno de artista: um meio de reflexão. In: 19º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS “ENTRE TERRITÓRIOS. 20 – 25 set. 2010, Cachoeira. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/chtca/maria_clara_martins_rocha.pdf> Acesso em: 2 jun. 2020.

SARDELICH, Maria Emilia. **Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo. vol. 36, n.128, p.451-472, 2006.

SCHÖN, D. A. **Educando o Profissional Reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SUZUKI, Clarissa Lopes. **Cadernos de artista: páginas que revelam olhares da arte e da educação**. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

VALIN, Roberta. **Os cadernos de Anita Malfatti no IEB**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros n.71. São Paulo Sept./Dec. 2018. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742018000300325> Acesso em: 19 abr. 2020.

ZEICHNER, Kenneth M. **A formação reflexiva de professores: ideias e práticas**. Lisboa: Educa, 1993.

_____. **Uma análise crítica sobre a “reflexão” como conceito estruturante na formação docente**. Educação e Sociedade. Campinas, vol. 29, n. 103, p. 535-554, maio/ago. 2008.

APÊNDICE A: CADERNOS DE ARTISTA EM SALA DE AULA

Camila Lima da Silva

Camila Nagem Marques Vieira

Rio de Janeiro

2020

Camila Lima da Silva

CADERNOS DE ARTISTA EM SALA DE AULA

RESUMO

Este produto educacional apresenta uma sequência didática que abrange o ensino das artes visuais e cultura visual na criação de cadernos de artista, produzidos por alunos e por professores. Desta forma, visa-se desenvolver o fazer artístico de ambos, contemplando o contexto social e exercitando a reflexão sobre os elementos que podem influenciar o processo criativo em sala de aula. Foi pensado como um produto para ser realizado de forma criativa e lúdica, sem a intenção de apresentar conceitos como certo ou errado, mas estimular o processo artístico-criativo de estudantes e docentes.

Palavras-chave: Caderno de artista. Ensino de artes visuais. Cultura visual. Produto educacional. Anos iniciais do Ensino Fundamental.

Sumário

1 Apresentação	40
2 Desenvolvimento	42
2.1. Sequência didática: Cadernos de Artista e Cultura Visual	45
2. 2 Desafios	53
3 Palavras finais	54
4 Referências	55
ANEXO A: Imagens de apoio para o professor sobre os cadernos e diários de artista ..	56

1 Apresentação

O presente produto educacional visa contribuir para a comunidade docente por meio de uma sequência didática que explora a criação de cadernos de artista, no segmento dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Espera-se que, com a produção destes cadernos, tanto alunos quanto professores possam desenvolver mais o seu fazer artístico e levar para dentro da sala de aula os seus conhecimentos adquiridos no cotidiano.

A motivação para o caderno de artista surgiu diante da percepção da autora de que, após o seu ingresso na área do ensino de arte, ironicamente, afastou-se da produção de desenhos e pinturas, que realizava anteriormente. Não se espera, porém, com este produto, debater a obrigatoriedade de o docente de artes visuais estar inserido em atividades artísticas, mas sim procura-se defender a ideia de que é possível realizar suas atividades docentes na área da arte-educação mantendo ativas as atividades artísticas prévias que realizava, ou as retomando a partir desta proposta, se assim quiser.

Este tema também desponta como uma forma de suprir a necessidade da autora em desenvolver planejamentos de artes visuais voltadas para os anos iniciais do Ensino Fundamental, segmento do qual ela possuía pouca, para não dizer quase nenhuma experiência. O início da trajetória docente pode ser um desafio, mas também uma grande chance de usar a criatividade com o que se tem. Sendo este momento de indução embasado por boas práticas e espaços de troca, acredita-se na formação de profissionais mais seguros e autônomos.

Espera-se que a produção de cadernos de artista seja uma oportunidade para aproximar professores e alunos, fazendo com que eles conheçam melhor um ao outro, apresentando, por meio de seus cadernos, extratos de seus contextos sociais, experiências vividas e suas influências imagéticas e artísticas.

Como já foi apresentado no referencial teórico, a cultura visual é um elemento produzido na e pela sociedade, e mostra como as imagens são capazes de influenciar no imaginário e na criação estética de crianças e adultos. Por meio da televisão, dos celulares, das redes sociais, das histórias em quadrinhos, dos jornais e revistas, videoclipes e desenhos animados, entre outros, as crianças entram rapidamente em contato com as imagens e as mensagens que elas transmitem. Porém, quando estas referências saem do cotidiano e entram dentro da sala de aula, como aliar os desenhos, conversas e comentários relacionados à cultura visual trazida pelos alunos com o conteúdo planejado no currículo pela escola e pelo professor?

Sabe-se que uma das primeiras formas de comunicação humana foi feita por meio de imagens, produzidas nas pinturas rupestres (PROENÇA, 2014). Também, o desenho se faz forma prioritária de

comunicação das crianças, que, antes mesmo de construir frases e palavras completas já se manifestam por meio de rabiscos e garatujas. Logo, nos primeiros anos do Ensino Fundamental as imagens contribuem significativamente para a expressão e o aprendizado (BOMBONATO; FARAGO, 2016).

Por isso, com este produto educacional, busca-se também aproximar as artes visuais e a história da arte da cultura visual. Elas, ensinadas em sala de aula, podem se relacionar com as imagens que estampam propagandas, histórias em quadrinhos, anúncios, redes sociais, os elementos que de alguma forma participam do dia a dia dos estudantes e dos professores, e não estão diretamente ligados à história da arte institucionalizada.

Não se pode negar que as imagens impactam de uma maneira ou de outra no imaginário e na vida dos indivíduos, na medida em que estes deparam-se com elas constantemente. A autora deste produto acredita, com base nas observações que fez de suas turmas, que elas podem contribuir significativamente para o ensino de arte e para o desenvolvimento expressivo de todos os agentes que estão presentes na sala de aula, professores e alunos.

Como já foi mostrado anteriormente, foi utilizado como referência a dissertação de Suzuki (2014) para estudar os cadernos de artista feitos por uma professora-artista e seus alunos. Da mesma forma, o trabalho de Zeichner (2008, 1993) enfatiza como uma postura reflexiva no planejamento das aulas pode ser significativa para a construção da trajetória docente, enquanto a cultura visual (SARDELICH, 2006) (BARBOSA, 2011, 2019) pode contribuir para o ensino de artes visuais tanto quanto a história da arte.

Por isso, além de aproximar estudantes de docentes por meio do fazer artístico e da percepção dos diversos contextos sociais que circundam a escola, entende-se também que a construção do indivíduo, seja ele um professor formado ou um estudante nos seus primeiros anos de Ensino Fundamental, pode estar em constante aprendizado.

2 Desenvolvimento

Este produto educacional é uma proposta de atividade para os anos iniciais do Ensino Fundamental, e os professores podem iniciá-la em sala de aula. Porém, acreditando que o ensino de artes visuais possa partir de elementos que estão fora da escola e presentes no cotidiano tanto de estudantes quanto docentes, pode ser levado para outros ambientes, podendo ser realizado em casa, por exemplo.

O produto educacional em questão se trata da confecção de um caderno de artista, que pode ser desenvolvido em sala de aula, durante uma sequência de aulas, considerando-se que um caderno ou diário de artista é feito de forma contínua, não em um momento. Partindo da premissa de que cada sala de aula possui suas particularidades, cada professor pode e deve adaptar esta atividade da forma que contemple o seu contexto escolar. Alguns professores possuem apenas 50 minutos de aula por semana com suas turmas – caso da autora deste produto, no momento da produção desse trabalho. Outros docentes podem possuir mais tempo e possam investir na extensão das estratégias. Não é o objetivo deste trabalho passar por cima das possibilidades de cada turma e impor situações.

Da mesma forma, a autora também espera, com esta atividade, que os alunos possam exercitar a percepção da arte para além do que é apresentado em sala de aula. Que possam reconhecer-se como possíveis produtores de arte, valorizando sua própria criatividade, autoestima e percebendo a importância de seu repertório imagético e cultural.

O objetivo dos cadernos de artista é registrar lembranças, impressões, comentários, além de exercitar o fazer artístico. Por isso, a forma como será confeccionado pode variar, contanto que atinja o objetivo proposto. Os materiais utilizados podem ser variados, adaptados para o que esteja disponível para a turma. Não há a exigência de que os cadernos sejam feitos, de fato, com cadernos. Pode-se utilizar materiais recicláveis, como:

- Papelão;
- Álbuns;
- Folhas reutilizadas;
- Linhas;
- Fitas adesivas, fita crepe, durex, fitas decorativas, de cetim;
- Jornais;
- Tintas.

Muitos outros materiais podem ser utilizados, as possibilidades são muitas. Almeja-se uma atividade que abranja a toda a turma. Por isso, a escolha dos materiais pode ser orientada de acordo com

as possibilidades da escola e de cada um dos alunos. Há a possibilidade de fazer cadernos de maneira artesanal, com folhas de papel A4 cortadas e costuradas com linhas e/ou barbantes, coladas em formato de bloco etc. Nas imagens a seguir pode ser observado alguns exemplos de cadernos de artista. O primeiro, feito com um caderno sem pauta, comprado em uma papelaria. Os outros foram feitos de forma artesanal, com capa de papelão e costurados por artistas colegas da autora.

Imagem 1: Caderno da autora



Disponível em: Acervo pessoal

Imagem 2: Caderno com capa de papelão



Disponível em: Acervo pessoal

Imagem 3: Caderno com encadernação artesanal.



Disponível em: acervo pessoal.

A sequência didática não possui uma duração definida, mas a autora decidiu criar cinco passos mínimos como sugestão, um por aula/dia, totalizando, em média, um mês de aula. A partir destas cinco aulas, o docente pode definir, de acordo com suas preferências e necessidades, a quantidade de aulas em que abordará com a turma os cadernos de artista. Os cadernos, porém, também podem ser feitos em paralelo a outras atividades que façam parte do planejamento do professor ao longo do ano letivo. Pode-se escolher uma aula do mês para trabalhar só com os cadernos ou solicitar que os alunos registrem as suas observações sobre as aulas neles ao longo do tempo, em casa, e depois apresentem em uma data combinada.

Logo, esta atividade, por contar, inclusive com a criatividade e as experiências vividas pelos agentes em sala de aula, pode ser feita ao longo de todo o ano letivo, ou pelo menos durante um mês. Espera-se que seja uma atividade prolongada, que não dure apenas uma aula, para que mais anotações, impressões, lembranças, histórias, acontecimentos sejam registrados nos cadernos. Desta maneira, espera-se que o(a) professor possa conhecer melhor seus alunos, para além da convivência característica da aula.

2.1. Sequência didática: Cadernos de Artista e Cultura Visual

Aula 01: Narrativas criativas.

O professor pode iniciar a atividade apresentando artistas da história da arte que, de alguma forma, possuíam cadernos de artistas ou outras formas de registro sobre os seus trabalhos. São exemplos sugeridos neste trabalho, artistas como: Vincent van Gogh, Anita Malfatti, Gustavo Aragoni, Liliana Alves, Candido Portinari, Irene Guerriero, Jean-Michel Basquiat, Leonardo da Vinci, entre outros. É interessante mostrar reproduções de obras de arte destes profissionais, contar sobre sua história, o contexto histórico e social no qual estiveram inseridos e imagens dos diários, dos registros destes artistas. A exibição das figuras pode ser feita por meio de livros, projeções, impressões e até exibições pelo celular ou tablet. No final deste apêndice há um anexo com imagens de apoio para o professor, com alguns registros de diários de artistas e obras deles.

Tanto nesta primeira aula quanto nas próximas, é essencial ouvir o que os estudantes têm a dizer, perceber as observações que fazem sobre os artistas e as obras de arte e quais as relações que travam com elementos de seu dia a dia. É interessante os alunos notarem que podem existir relações de proximidade entre as obras de arte e seu cotidiano, assim como podem existir diferentes informações em cada detalhe das imagens apresentadas.

No livro *Como falar de arte com as crianças*, de Françoise Barbe-Gall (2012), a autora, buscando direcionar os arte-educadores e pais para apresentar às crianças a pintura de forma prazerosa, chama a atenção para como cada faixa etária se interessa e busca observar a arte. De acordo com a autora, entre 5 e 7 anos, ou seja, saindo da Educação Infantil e iniciando o Ensino Fundamental, as crianças costumam relacionar as obras de arte que chamam sua atenção com a vida cotidiana (BARBE-GALL, 2012, p.14):

Elas gostam de imagens nas quais reconhecem circunstâncias, objetos, fatos e gestos com que habitualmente deparam. Uma criança verá em determinada obra a atitude da mãe quando ela se inclina para a frente para pentear seus cabelos, a do pai com a cara mergulhada nos papeis em seu escritório. Outra sentirá familiaridade com o cobertor vermelho de Van Gogh, pois tem um igual em casa.

Da mesma forma, também se interessam pelas ilustrações dos livros, “que têm a vantagem de criar uma espécie de itinerário lúdico às vezes impossível no museu” (BARBE-GALL, 2012, p. 15).

Já entre os 8 e 10 anos, a autora (BARBE-GALL, 2012, p. 16) ressalta o quanto é importante valorizar as referências visuais das crianças:

O universo visual infantil, cuja qualidade estética é bastante desigual, é povoado de inúmeros personagens de filmes, de *videogames*, de histórias em quadrinhos, que são,

na maior parte do tempo, heroicos ou violentos. É preciso aproveitar essas figuras para analisar os princípios que ilustram (...)

Desta forma, as linguagens artísticas estudadas e produzidas em sala de aula podem estar relacionadas com a “bagagem cultural” que cada criança traz de casa.

É interessante que nesta primeira aula, todo o grupo converse sobre as produções observadas e o professor peça para que cada aluno traga de casa materiais para fazer o seu próprio caderno de artista. Também se deve verificar com a coordenação da escola quais materiais estão disponíveis para utilização, como cartolinas, papéis cartão coloridos, colas, lantejoulas, canetinhas, lápis de cor etc. Outro elemento interessante, que estimula a participação é pedir que os alunos tragam na próxima aula ou nas aulas seguintes imagens, com o auxílio dos pais ou responsáveis, que sejam importantes para eles ou que eles considerem que podem estar relacionadas com as imagens que foram apresentadas em sala, dos artistas.

Os alunos podem disponibilizar para as próximas aulas imagens impressas, no celular, ilustrações feitas à mão de alguma imagem ou relatos sobre o que as imagens que o professor apresentou na aula anterior e que possuam conexão entre eles. O docente também pode trazer elementos que façam parte da cultura visual e incentivar os estudantes para que também façam o mesmo, compreendendo que podem relacionar estas imagens com a história da arte e os artistas que o professor pretende trabalhar nas suas aulas. É importante que o professor tenha estas imagens, visando estimular o diálogo e a discussão em sala de aula.

Aula 02: Mão na massa.

A partir da reunião entre as imagens que o professor apresentou anteriormente e os materiais e imagens – ou relatos sobre imagens e outros elementos – que os alunos levarem, se dará o início da segunda etapa. Nesta aula se iniciará a produção de cadernos de artista com os materiais que foram recolhidos. O professor pode lançar algumas questões que atuem como eixo temático das primeiras produções, como por exemplo:

- Quais semelhanças observo entre as produções artísticas que vi na última aula e o meu cotidiano?
- O que eu tenho a dizer para o mundo?
- Como é o meu dia a dia?
- Quais artistas eu conheço/admiro?
- Como posso me expressar?

- O que eu gosto na arte?

O professor pode escolher ainda outras perguntas para lançar como tema de reflexão e produção de imagens, assim como os alunos também podem lançá-las. As questões propostas acima são sugestões, mas cada turma pode ter as suas próprias questões, dentro do contexto escolar, que busque responder em conjunto. Sendo assim, nesta segunda aula, dá-se início a produção dos cadernos de forma efetiva, buscando responder algumas questões por meio da produção visual e artística de desenhos, pinturas, esboços etc.

O docente deve solicitar à turma que traga na próxima aula influências de personagens, podendo ser recortes de revista em quadrinhos, anotações, bordões de *youtubers*, figurinos de personagens de filmes e jogos, entre outros.

Aula 03: Descobrindo e inventando histórias.

A cada novo encontro, o professor pode trazer novas influências de artistas ou apresentar mais informações sobre os artistas que foram apresentados nas aulas anteriores. Pode-se explorar o contexto social e histórico destes artistas, pesquisar quais eram as influências deles, a qual movimento artístico pertenceram e analisar o que e como se expressavam. Mantém-se a produção dos cadernos, oferecendo espaço aos alunos que queiram falar para fazer observações ou dúvidas sobre algum ponto.

Além disso, é interessante trazer questionamentos aos alunos, lançando propostas em que se perceba o entrelace entre os elementos do cotidiano e a produção de artes visuais. Desta forma, nesta aula o professor pode trabalhar com seus alunos a utilização de materiais que foram coletados desde a última aula, propondo como temática, desta vez, os personagens de histórias em quadrinhos e desenhos animados. A partir disto, pode-se criar colagens com os recortes, técnicas mistas e montagens. Mais uma vez, é importante que o professor também leve para a aula estes materiais, complementando o que os alunos trouxeram.

Pode ser usado como apoio obras de Pop Art do artista Roy Lichtenstein, cujas pinturas apresentam a simulação de cenas de histórias em quadrinhos, com personagens vivendo variadas situações. No anexo, estão disponíveis mais obras dele. A partir da observação delas, é interessante lançar propostas de reflexão e análise das imagens, trazendo questões como:

- Como este artista fez essas obras?
- Quais histórias essas pinturas contam?

- Em que será que o artista se inspirou?
- Quem são os personagens de suas pinturas?
- Existe um padrão de representação das pessoas nestas obras?

Lichtenstein utilizou como referência para suas pinturas anúncios publicitários, tipos de personagens e técnicas que faziam parte da cultura visual de sua época, como pode ser observado nas figuras 1 e 2, apresentadas a seguir.

Figura 1: Moça com bola (1961), pintura de Roy Lichtenstein.



Disponível em: <<https://bit.ly/2S6WaXp>> Acesso em: 22 set.2020.

Figura 2: Anúncio publicitário de suplemento de domingo do New York Times.



Disponível em: <<https://bit.ly/3iiLRdC>>

Acesso em: 22 set. 2020.

Nesta aula pode-se discutir, portanto, como os personagens são representados na arte e na cultura visual, fazendo-se comparações de representações de personagens de histórias em quadrinhos, filmes, desenhos animados e propagandas, por exemplo. A partir disso, é interessante lançar o desafio aos alunos de criarem os seus próprios personagens, incentivando-os a inventarem representações e narrativas. Pode-se apresentar também obras de Jean-Michel Basquiat, que apresentam outras formas de trabalhar a pintura e a apresentação de personagens

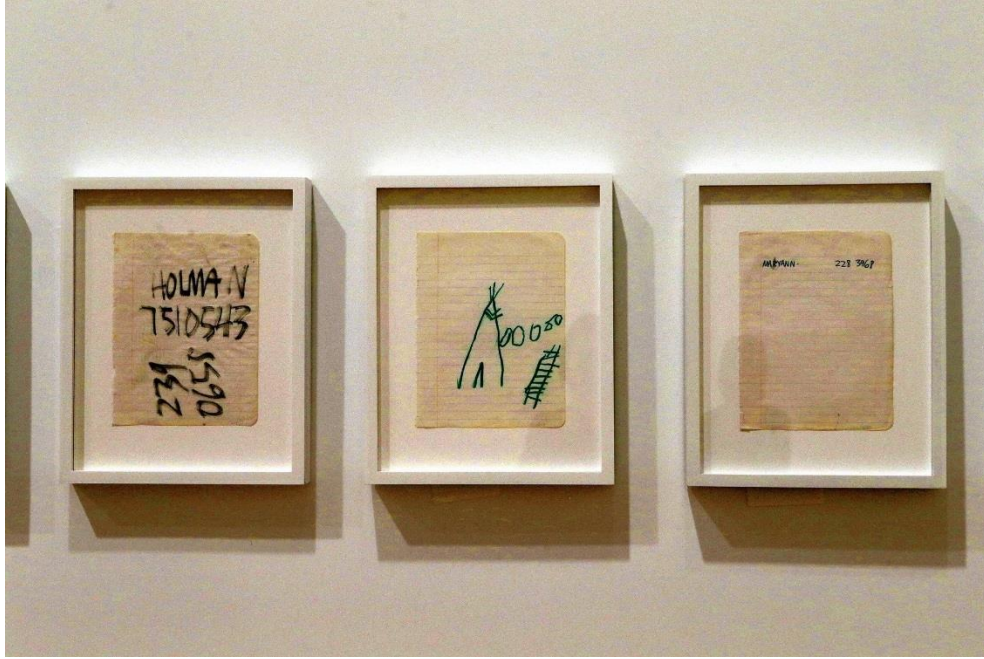
em seus trabalhos. Na imagem a seguir, observamos a figura de um super-herói, o Flash, presente em histórias em quadrinhos, filmes e séries.

Figura 3: Flash, de Jean-Michel Basquiat.



Disponível em: <<https://bit.ly/3cIWdC7>> Acesso em: 22 set. 2020.

Figura 4: Páginas de cadernos de Basquiat.



Disponível em: < <https://nyti.ms/3kte4Bq> > Acesso em: 26 ago. 2021.

Para a próxima aula, o professor pode trabalhar outro tema e solicitar aos alunos que tragam imagens de cenas de brincadeiras da infância, inclusive em fotografias antigas e atuais de sua família, contendo registros de crianças brincando.

Aula 04: Brincando e criando.

Tanto na aula 03 quanto na 04 espera-se desenvolver a atividade de confecção dos cadernos, dar tempo e espaço para que os alunos relacionem as imagens, conhecimentos e ouçam os discursos dos colegas, ainda refletindo sobre as perguntas lançadas para reflexão.

Agora, com as fotografias recolhidas pelos estudantes e pelo professor contendo cenas de brincadeiras, pode-se abordar algumas questões em sala de aula, como:

- Eu conheço as brincadeiras apresentadas nas imagens?
- As brincadeiras mais antigas ainda são praticadas?
- Existe algo de diferente entre as brincadeiras mais antigas e as que eu brinco no dia a dia?
- Como posso exercitar a criatividade brincando?

Podem ser lançadas outras questões também, seja pelo professor ou pelos alunos. Ao observar as imagens, novos questionamentos podem surgir para além destes que foram propostos. Um artista que pode ser abordado nesta aula é Candido Portinari, com suas pinturas de cenas divertidas e coloridas de crianças brincando. Neste momento, pode-se lembrar que a fotografia também é uma linguagem artística e, além de registrar momentos, também é uma

oportunidade de o fotógrafo apresentar seu ponto de vista, se expressar, tal como faz o pintor com seus trabalhos.

Figura 5: Pintura *Meninos brincando*, de Candido Portinari.



Disponível em: <<https://bit.ly/2HG77xd>> Acesso em: 22 set. 2020.

Figura 6: Caricatura de Maria Portinari de Carvalho feita por Portinari.



Disponível em: <<https://bit.ly/3yndjyB>> Acesso em: 24 ago. 2021.

Os alunos podem criar fotomontagens e colagens utilizando as fotografias que foram trazidas, complementando-as com desenhos e observações sobre o que conversou em aula com os colegas e o professor. Pode-se trabalhar a ideia de que o registro da sua história também pode

ser um instrumento para a criação de trabalhos de arte, desenvolvendo a memória, a investigação e a identidade, individual ou de grupo.

Nesta etapa, é interessante que os alunos adquiram a consciência de que são criadores de imagens, de conhecimento, que possuem um potencial criativo que deve e pode ser exercitado. Esta capacidade expressiva que pode torná-los seres mais autônomos e inventivos.

Aula 05: Trajetórias que se cruzam rumo a novas jornadas.

No fim da sequência, todos devem apresentar seus cadernos, mostrando as produções que considerem mais relevantes em sua trajetória. Também é desejável que os alunos possam observar as produções dos colegas, perceber como, a partir de um mesmo eixo, produziram coisas distintas, pois trazem consigo experiências de vida e referências que podem ser diferentes. Mais uma vez, reforça-se que é importante ouvir o que o aluno tem a dizer, e dar espaço para que eles façam pontuações sobre o processo de confecção dos seus cadernos, quais foram as dificuldades, os pontos que mais gostaram, quais foram as dúvidas, pontos de interesse, entre outros.

Em paralelo à produção dos cadernos de artista, onde os alunos registram suas percepções, observações, referências e ideias, eles também foram realizando trabalhos em sala de aula, guiados pelos temas de cada aula. Pode ser interessante criar uma pequena exposição, na sala de aula ou em outros ambientes da escola, mostrando algumas dessas produções.

É interessante que esta sequência tenha mais de quatro aulas, pois assim o professor pode trazer mais referências visuais, de artistas, bem como os alunos. O que acontece durante a aula pode ser imprevisível, e experiências muito boas podem ser obtidas com a construção prolongada da própria poética, gerando maior confiança e autoestima nos alunos, além de educar a visão para os elementos visuais que fazem parte do cotidiano. Os temas para trabalhar em cada aula são sugestões, mas não devem limitar o docente, que pode prolongar cada tema pela quantidade de aulas que julgar necessário ou adicionar novos temas, como o padrão de beleza imposto a bonecas e a representatividade de figuras negras em propagandas, anúncios e programas de televisão, sempre trazendo imagens que complementem às que os alunos tragam.

2.2 Desafios

Alguns desafios podem surgir para a realização da atividade, mas estes pode-se buscar enfrentá-los. Com relação ao uso de materiais, por exemplo, já foi defendido o uso de materiais recicláveis. Além deles, espera-se que tanto o professor quanto os alunos possam aproveitar objetos que possuam em casa, que sejam disponibilizados pela escola ou que possam ser angariados esforço ou alto custo financeiro, bem como levados para casa com facilidade. É também uma forma de exercitar a criatividade. Nenhuma criança deve deixar de participar da atividade porque não teve acesso aos materiais, eles podem ser adaptados.

Outro ponto desafiador é o local para realizar as atividades. Nem toda escola possui uma sala específica para a disciplina de arte, ou um ateliê-laboratório. As salas de aula convencionais, com carteiras enfileiradas e voltadas para o professor podem dificultar o desenvolvimento de atividades mais dinâmicas ou com grande movimentação pela sala de aula, mas não impossibilitam que os indivíduos criem os seus cadernos de artista.

Seria desejável que a sala de aula estivesse com as carteiras dispostas em círculo ou formato de U, objetivando oferecer um espaço mais livre e que possibilite que os alunos se olhem e dialoguem enquanto grupo. É até mesmo interessante que as carteiras estejam agrupadas em grupos de quatro ou cinco pessoas, de forma que possam trabalhar juntos em pequenos grupos, trocando ideias enquanto confeccionam seus cadernos.

Apesar de essa troca de ideias ser uma forma de enriquecer a produção dos trabalhos, não é obrigatório que a sala de aula fique disposta desta maneira. Relembrando: espera-se que a atividade possa ser realizada apesar dos diversos contextos em que o professor vivencie em sua sala de aula.

Por fim, a autora considera que o maior desafio para os professores seja vencer o campo da teoria, colocando em prática a atividade, de forma que ela seja realizada de acordo com as particularidades de seus alunos e da escola. A sala de aula pode ser imprevisível, mas não se espera criar com os cadernos uma rigidez em relação à aplicação do planejamento, e sim que o professor adapte o produto educacional às especificidades de seus alunos. Que os educadores possam fazer os próprios cadernos também, expressando-se e registrando o andamento de suas aulas e o seu próprio aprendizado.

Sabendo que outros desafios podem surgir na trajetória dos professores leitores deste trabalho, indica-se que se mantenha sempre ativa uma postura de pesquisa e estudo, visando conhecer novas metodologias, teorias educacionais, projetos, sistemas, entre outros, que

possam enriquecer a bagagem didática de cada docente. Com base nas experiências vividas pela autora em sala de aula, acredita-se que manter-se atualizado sobre a área da educação, buscando novos conhecimentos e estando em contato com outros professores pode ser muito produtivo para a trajetória do profissional docente.

3 Palavras Finais

Com esta atividade não se espera encerrar por aqui o aprendizado e a construção de propostas para a disciplina de Artes Visuais no segmento do Ensino Fundamental I. A autora considera-se ainda em constante aprendizado e espera que outros professores possam ter acesso a este produto educacional, façam sugestões, alterações, utilizem-no e transmitam-no a outras pessoas.

O professor, enquanto sujeito ativo e reflexivo que é, também deve produzir o seu próprio caderno de artista, colocando nele suas percepções, ideias, impressões, dúvidas, o que considerar relevante. A autora concorda com Zeichner (2008) ao apontar que os professores podem e devem entender, ou pelo menos indagar-se sobre o porquê e/ou como montam suas aulas, seus planejamentos, o que esperam dos alunos. Portanto, refletir e planejar-se é fundamental para o andamento de uma boa aula, produtiva.

Os elementos que fazem parte do cotidiano, as imagens produzidas pela cultura de massa e veiculadas por diversas mídias, cada vez mais avançadas tecnologicamente, podem ser bons instrumentos para analisar imagens e refletir sobre a construção da arte e da cultura. Sendo assim, ao invés de repeli-las quando os alunos a trazem, pode-se acolhê-las e trabalhá-las em sala de aula, aliando-as à história da arte e o planejamento do currículo da escola.

A avaliação do caderno de artista dos alunos pode ser feita por meio de uma conversa com todo o grupo, observando-se como conseguiram relacionar as artes visuais com as suas vidas e como isto é relevante para eles. O docente também deve observar, ao longo do período em que os cadernos foram elaborados, como foi o desenvolvimento de cada estudante, como foi feita a construção deste material. Espera-se, assim, contribuir para as atividades dos professores de Arte do Ensino Fundamental – Anos Iniciais.

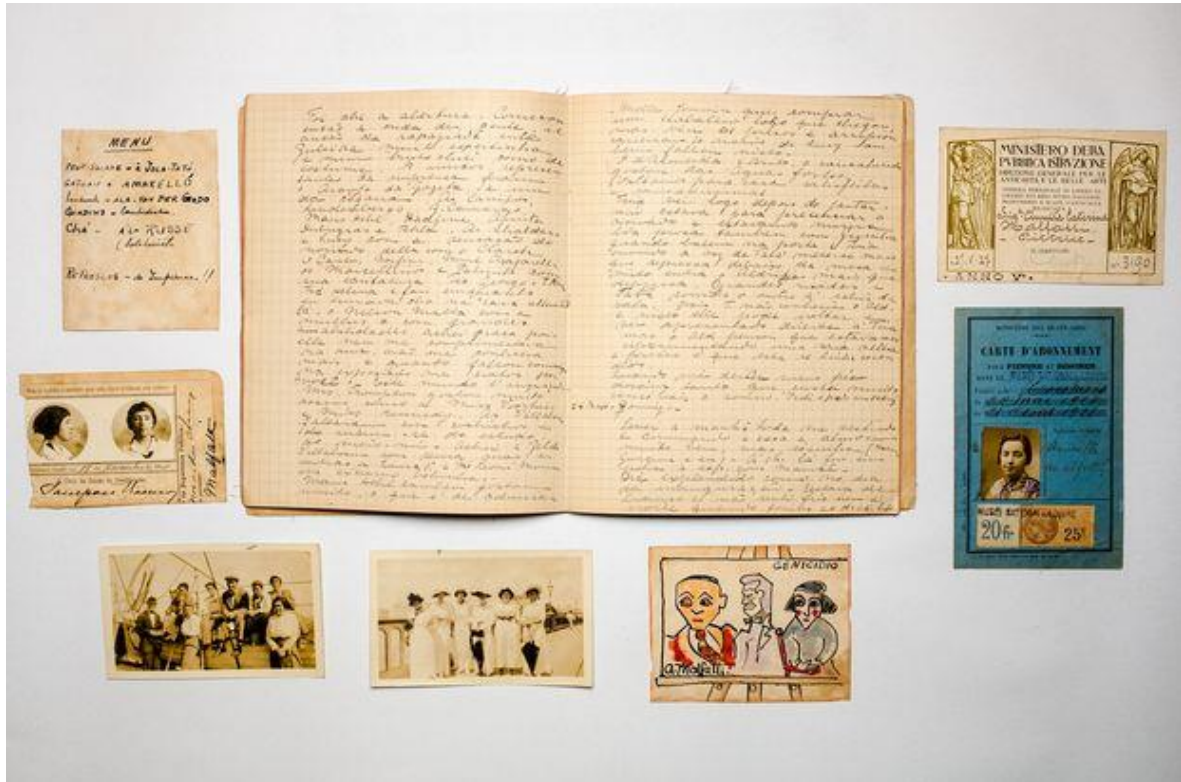
4 REFERÊNCIAS

- BARBE-GALL, Françoise. **Como falar de arte com as crianças**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino de arte: anos 1980 e novos tempos**. 9. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2019. Paginação irregular.
- _____. A cultura visual antes da cultura visual. **Educação**, v. 34, n. 3, p. 293-301, set./dez. 2011.
- BOMBONATO, Giseli Aparecida; FARAGO, Alessandra Corrêa. As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, v. 3 (1): 171-195, 2016.
- PROENÇA, Graça. **História da Arte**. 17 ed. São Paulo. Editora Ática, 2014.
- SARDELICH, Maria Emilia. **Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo. vol. 36, n.128, p.451-472, 2006.
- SUZUKI, Clarissa Lopes. **Cadernos de artista: páginas que revelam olhares da arte e da educação**. 2014. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo, 2014.
- ZEICHNER, Kenneth M. **A formação reflexiva de professores: ideias e práticas**. Lisboa: Educa, 1993.
- _____. **Uma análise crítica sobre a “reflexão” como conceito estruturante na formação docente**. Educação e Sociedade. Campinas, vol. 29, n. 103, p. 535-554, maio/ago. 2008.

ANEXO A: Imagens de apoio para o professor sobre os cadernos e diários de artista

A seguir estão listados alguns exemplos de cadernos de artistas, contendo anotações, rascunhos, estudos e referências, seja de artistas conhecidos pela história da arte ou não. Há também obras de arte de alguns artistas que foram listados no produto educacional.

Imagem 1: Diário de Anita Malfatti com anotações, fotografias, panfletos e papéis soltos dentro dele.



Disponível em: <https://bit.ly/2HtwstY> Acesso em: 19 set. 2020.

Imagem 2: Esboços de Anita Malfatti. Boi e estudo para *Ressurreição de Lázaro*.



Disponível em: <https://bit.ly/347dtkk> Acesso em: 19 set. 2020.

Imagem 3: Pintura *Ressurreição de Lázaro*, de Anita Malfatti.



Disponível em: <<https://bit.ly/338Py1a>> Acesso em: 22 set. 2020.

Imagem 4: Livro de artista feito com dobradura.



Disponível em: <<https://bit.ly/36aHheL>> Acesso em: 23 set. 2020.

Imagem 5: Caderno com encadernação artesanal.



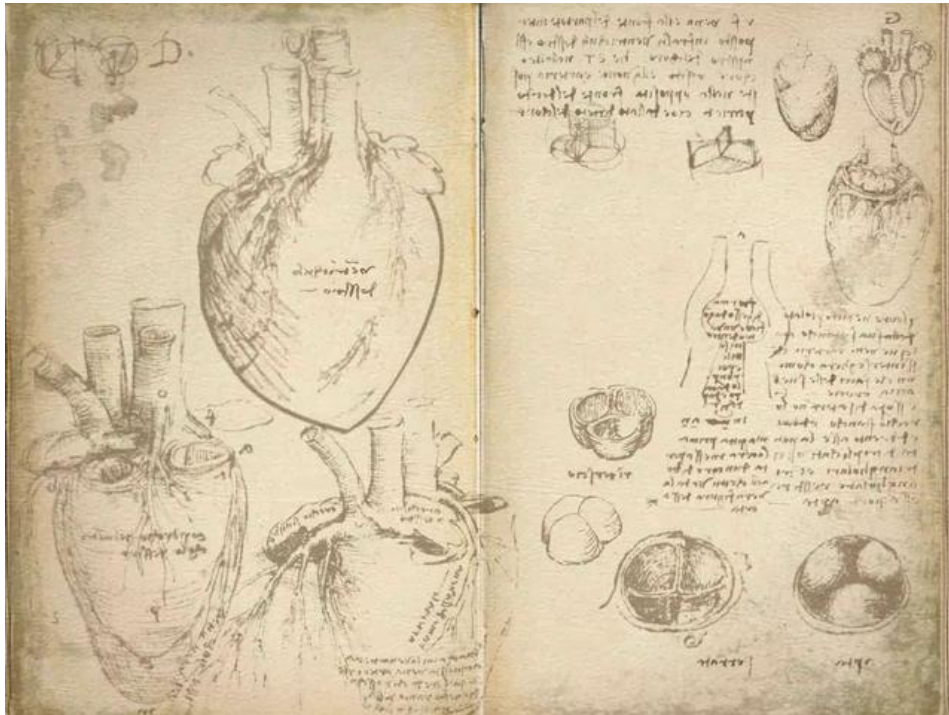
Disponível em: <<https://bit.ly/36aHheL>> Acesso em: 23 set. 2020.

Imagem 6: Fragmento de carta de Vicent van Gogh para Betsy Tersteeg.



Disponível em: <<https://bit.ly/3kTaBL3>> Acesso em: 18 set. 2020.

Imagem 9: Esboços anatômicos de Leonardo da Vinci.



Disponível em: <<https://bit.ly/2S3VRwv>> Acesso em: 18 set. 2020.

Imagem 10: *No carro*, pintura de Roy Lichtenstein.



Disponível em: <https://bit.ly/3i9180h> Acesso em: 22 set. 2020.

Imagem 11: Grillo (detalhe), de Jean-Michel Basquiat.



Disponível em: <https://bit.ly/2S9x9Lk> Acesso em: 22 set. 2020.

Imagem 12: Grillo, Jean-Michel Basquiat.



Disponível em: <<https://publicdelivery.org/basquiat-crown/>> Acesso em: 22 set. 2020.

Imagem 13: Meninos pulando carniça, de Candido Portinari.



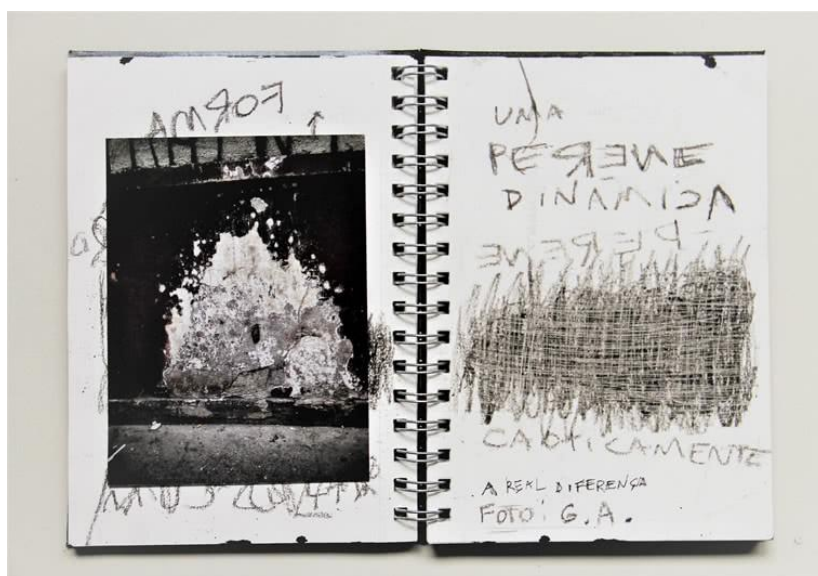
Disponível em: <<https://bit.ly/3kUAdqJ>> Acesso em: 22 set. 2020.

Imagem 14: Caderno de artista de uma professora, encadernado artesanalmente.



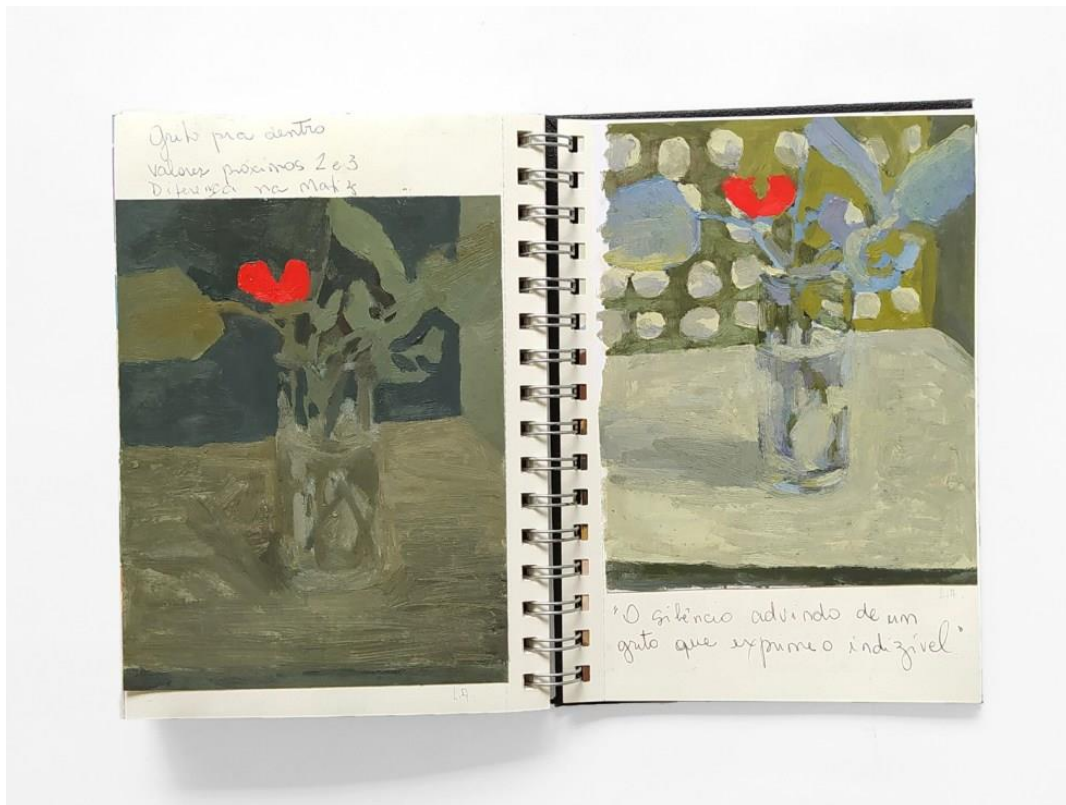
Disponível em: Acervo pessoal.

Imagem 15: Caderno do artista Gustavo Aragoni.



Disponível em: <https://bit.ly/3zuyobM> Acesso em: 29 jul. 2021.

Imagem 16: Caderno de Liliana Alves



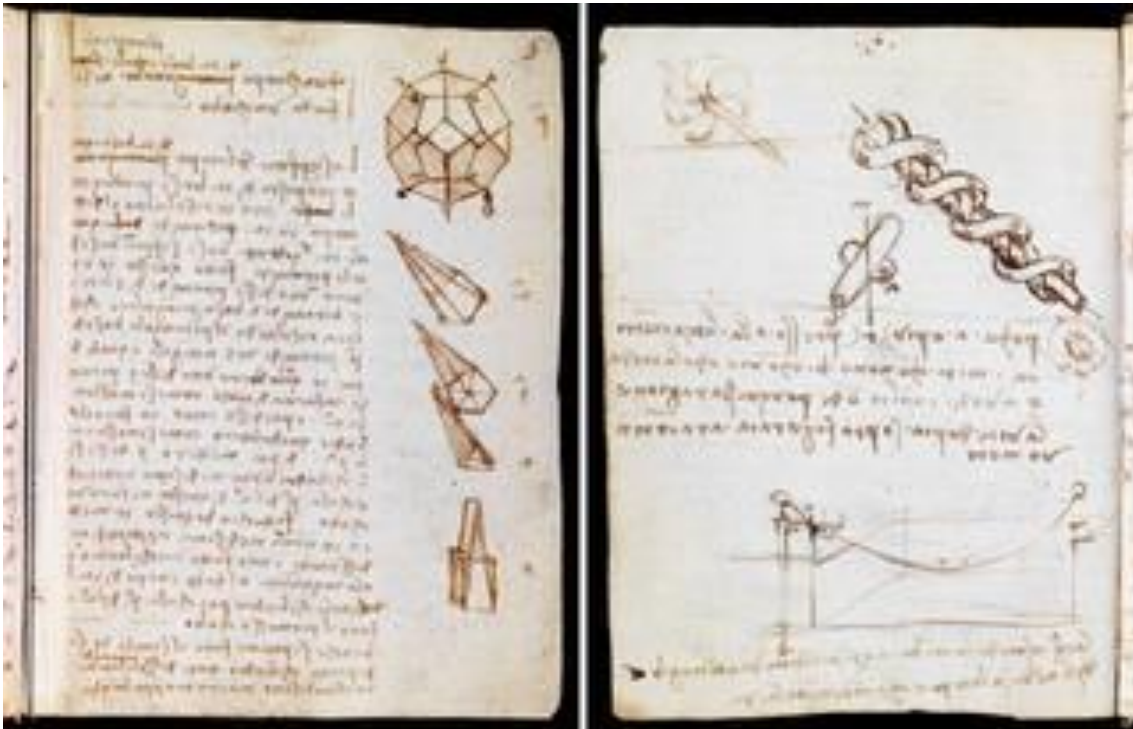
Disponível em: < <https://bit.ly/3gKSilq> > Acesso em: 27 ago. 2021.

Imagem 17: Caderno da artista Irene Guerriero.



Disponível em: < <https://bit.ly/3DsoDxh> > Acesso em: 29 ago. 2021.

Imagem 18: Caderno de estudos e esboços de Leonardo da Vinci.



Disponível em: < <https://bit.ly/2WyHGoC> > Acervo Museu Victoria & Albert. Acesso em: 28 ago.2021.